DOSSIÊ BIBLIOGRÁFICO

A ANCESTRAL QUE EVA GEROU ANTES DE CAIM NA LINHAGEM DE JESUS

Fontes canônicas, apócrifas, rabínicas, gnósticas e cabalísticas examinadas na reconstrução do episódio

MISTÉRIOS DA BÍBLIA

Documento de referência preparado como material de apoio e transparência de fontes. Distingue, camada por camada, Escritura canônica, tradição apócrifa, midrash rabínico, literatura gnóstica e Cabalá — nenhuma das últimas quatro possui estatuto de Escritura para o judaísmo rabínico ou para o cristianismo histórico.

SUMÁRIO

I. Escritura Canônica — Gênesis e as Genealogias do Novo Testamento

II. O Livro dos Jubileus e a Arquitetura das Duas Casas

III. A Tradição Talmúdica e o Midrash Rabínico

IV. A Caverna dos Tesouros e as Tradições Siríaca e Islâmica

V. Os Textos Gnósticos de Nag Hammadi — O Ciclo de Noreia

VI. Epifânio de Salamina e a Recepção Patrística

VII. As Crônicas de Jerameel e a Tradição Judaica Medieval

VIII. O Zohar e a Tradição Cabalística

IX. Nota Metodológica — Como as Camadas Foram Distinguidas

Este dossiê acompanha o episódio narrativo "A Ancestral que Eva Gerou Antes de Caim na Linhagem de Jesus", produzido pelo canal Mistérios da Bíblia. O episódio reconstrói, a partir de uma leitura gramatical do hebraico de Gênesis 4:1–2, a hipótese tradicional de que Eva teria dado à luz uma filha no mesmo parto em que nasceu Caim — uma filha que a Escritura hebraica não nomeia, mas cuja existência gerações de leitores judeus, cristãos e gnósticos sentiram a necessidade de reconstruir. As páginas a seguir documentam, fonte por fonte, de onde vem cada camada dessa reconstrução, em ordem cronológica de composição, da Escritura canônica ao Zohar medieval.

I

Escritura Canônica — Gênesis e as Genealogias do Novo Testamento

A base de todo o episódio é o texto massorético de Gênesis 4:1–2: “Adão conheceu a Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Caim […]. Depois deu à luz a Abel, seu irmão.” O verbo hebraico traduzido na maioria das versões como “voltou a dar à luz” é a construção vatosef laledet, formada sobre a raiz yasaf, “acrescentar, somar, multiplicar” — e não sobre um verbo simples de repetição. É essa construção gramatical, já notada por comentaristas medievais como Rashi (Gênesis 4:1) e por gramáticos modernos do hebraico bíblico, que abre a fresta interpretativa explorada por toda a tradição examinada neste dossiê.

> *Texto de referência: Biblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), Gênesis 4:1–2; para a leitura morfológica da raiz yasaf, cf. Wilhelm Gesenius, Hebrew and Chaldee Lexicon of the Old Testament Scriptures, trad. S. P. Tregelles (1846; edições modernas disponíveis).*

O episódio também se apoia em Gênesis 4:17, sobre a esposa de Caim, cujo nome o texto hebraico jamais revela; em Gênesis 4:25–26, sobre o nascimento de Sete e Enos; e em Gênesis 5:1–8, a fórmula genealógica “toledot” que reduz todas as filhas geradas por Adão a uma menção coletiva, “e gerou filhos e filhas”, sem nomear nenhuma delas.

Do Novo Testamento, o episódio utiliza duas genealogias distintas de Jesus: Lucas 3:23–38, que percorre a linhagem de Jesus, através de José, até Davi, Abraão, Sem, Noé, Sete e, finalmente, “Adão, filho de Deus” — a única genealogia bíblica que estende a linhagem messiânica para além de Abraão até a própria criação; e Mateus 1:1–17, que insere quatro nomes femininos pouco convencionais na linhagem real — Tamar (cf. Gênesis 38), Raabe (cf. Josué 2 e 6), Rute (cf. o livro de Rute) e “a mulher de Urias”, Bate-Seba (cf. 2 Samuel 11) — um padrão amplamente discutido pela erudição neotestamentária como deliberado.

> *Sobre o padrão das quatro mulheres em Mateus 1, cf. Raymond E. Brown, The Birth of the Messiah (Doubleday, 1977, rev. 1993), pp. 71–74; Amy-Jill Levine, The Misunderstood Jew (HarperOne, 2006), sobre a função narrativa dessas genealogias.*

II

O Livro dos Jubileus e a Arquitetura das Duas Casas

O Livro dos Jubileus é um texto judaico do período do Segundo Templo, composto provavelmente entre 170 e 150 a.C., que reescreve Gênesis e parte de Êxodo dentro de um calendário de "jubileus" de quarenta e nove anos. Não integra o cânon hebraico nem a maioria dos cânones cristãos, mas é recebido como Escritura canônica pela Igreja Ortodoxa Etíope (Beta Krestyan) até hoje. Fragmentos hebraicos de pelo menos catorze cópias distintas de Jubileus foram encontrados entre os manuscritos do Mar Morto em Qumran, o que confirma sua circulação e prestígio entre comunidades judaicas do século I a.C.

É em Jubileus 4:1–11 que a tradição nomeia, pela primeira vez na literatura conhecida, as filhas de Adão e Eva: Avã (‘Awan), que se torna esposa de Caim e mãe de Enoque, fundador da primeira cidade; e Azurá (‘Azura), que, após a morte de Abel, se torna esposa de Sete e mãe de Enos. O texto constrói, assim, duas linhagens matrimoniais paralelas — a de Caim, que Gênesis 4:17–24 detalha e que nenhum relato bíblico posterior volta a mencionar entre os sobreviventes do dilúvio; e a de Sete, que o capítulo 5 de Gênesis persegue até Noé, e que o Novo Testamento, via Lucas 3, persegue até Jesus.

> *Edição crítica de referência: James C. VanderKam, The Book of Jubilees, 2 vols., Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium 510–511 (Peeters, 1989) — tradução e texto etiópico com aparato crítico completo. Tradução inglesa amplamente acessível: R. H. Charles, The Book of Jubilees, or the Little Genesis (Adam and Charles Black, 1902; domínio público).*

É importante registrar que Jubileus é aqui tratado exatamente pelo que é: um texto apócrifo do judaísmo do Segundo Templo, refletindo as preocupações teológicas de sua própria época — sobretudo a necessidade de explicar, sem violar as proibições levíticas posteriores contra o incesto, como a humanidade poderia ter se multiplicado a partir de um único casal. Os nomes Avã e Azurá não aparecem em Gênesis.

III

A Tradição Talmúdica e o Midrash Rabínico

O Talmude Babilônico, tratado Yevamote, folha 62a, e o midrash conhecido como Gênesis Rabá (Bereshit Rabá), compilado por volta do século V d.C. mas preservando tradições orais anteriores, leem as partículas gramaticais hebraicas et nos versículos de nascimento de Caim e Abel como sinal de que irmãs gêmeas nasceram junto com eles: uma com Caim, duas com Abel. Gênesis Rabá 22:2 e 22:3 registram essa leitura; Gênesis Rabá 22:7 registra a disputa entre os irmãos pela posse da irmã "extra" nascida com Abel — disputa que o midrash apresenta como pano de fundo possível para o fratricídio de Gênesis 4:8.

> *Edição de referência: Midrash Rabbah: Genesis, trad. H. Freedman e Maurice Simon, Soncino Press (1939, reedições posteriores), vol. 1, Bereshit Rabá 22. Para o Talmude, cf. The Babylonian Talmud, ed. Isidore Epstein, Soncino Press (1935–1952), tratado Yevamot 62a; ver também Sanhedrin 58b e Rashi a Levítico 20:17.*

É dentro dessa mesma passagem, Gênesis Rabá 22:7, que se preserva a opinião atribuída a Rabi Iehudá bar Rabi de que a disputa envolvia "a primeira Eva", esclarecida por Rabi Aivu como alguém que "já havia retornado ao pó" — um eco rabínico antigo, distinto e anterior à figura medieval de Lilith, que só recebe desenvolvimento narrativo completo séculos depois, no Alfabeto de Ben Sirá (provavelmente entre os séculos VIII e X d.C.).

Nenhuma dessas fontes rabínicas nomeia definitivamente a irmã de Caim, nem afirma categoricamente que ela tenha nascido antes dele; a leitura de que a irmã pode ter emergido primeiro no parto duplo é uma inferência extraída da lógica da disputa por primogenitura registrada no próprio midrash, e é apresentada no episódio como tal — uma possibilidade sustentada pela tradição interpretativa, não uma afirmação categórica do texto rabínico.

IV

A Caverna dos Tesouros e as Tradições Siríaca e Islâmica

A Caverna dos Tesouros (Me’arath Gazze) é um texto cristão em língua siríaca, provavelmente composto entre os séculos IV e VI d.C. no ambiente sírio-oriental, que exerceu enorme influência sobre a literatura cristã oriental e, mais tarde, sobre correntes da exegese islâmica. É nesse texto que aparece, pela primeira vez fora da tradição judaica, um nome para a irmã gêmea de Caim — Lebuda, também transliterada Kelimath conforme o manuscrito —, associada a um decreto atribuído a Adão determinando o casamento cruzado entre os pares de gêmeos.

> *Tradução de referência: E. A. Wallis Budge, The Book of the Cave of Treasures (The Religious Tract Society, 1927; domínio público) — tradução integral do siríaco com introdução histórica.*

Correntes posteriores do folclore exegético islâmico — não o texto corânico em si, mas comentários e tradições (tafsir e qisas al-anbiya, “histórias dos profetas”) desenvolvidas a partir dele — preservam variantes com os nomes Iqlima (também Aclima) para a irmã de Caim e Lubuda para a irmã de Abel, associando a disputa pelas irmãs mais diretamente ao motivo do fratricídio. Coletâneas hebraicas medievais tardias registram ainda outras variantes — Calmana, Cainã, Lusia —, evidenciando uma mesma pergunta recebendo respostas distintas em comunidades religiosas, línguas e séculos diferentes.

> *Para o desenvolvimento comparado dessas tradições, cf. o verbete “Twin sisters of Cain and Abel” em obras de referência sobre literatura apócrifa comparada, e Louis Ginzberg, The Legends of the Jews, vol. 1 (Jewish Publication Society, 1909), capítulo sobre Caim e Abel, para a síntese das variantes rabínicas e folclóricas.*

V

Os Textos Gnósticos de Nag Hammadi — O Ciclo de Noreia

Em 1945, um agricultor egípcio encontrou, próximo à cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito, um jarro de cerâmica contendo treze códices em copta, hoje datados de cerca do ano 400 d.C., mas preservando traduções de textos gregos originalmente compostos entre os séculos II e III d.C. Dois desses textos — A Hipóstase dos Arcontes (também chamado A Realidade dos Governantes, Códice II) e O Pensamento de Noreia (Códice IX) — apresentam Noreia como filha de Eva e irmã mais nova de Sete, "a virgem a quem nenhum poder contaminou", capaz de resistir aos arcontes — os poderes cósmicos inferiores que, na cosmologia gnóstica setiana, governam o mundo material — e de incendiar por três vezes a arca de Noé até ser admitida a bordo e receber revelação do anjo Eleleth.

> *Textos originais e tradução: Bentley Layton, The Gnostic Scriptures (Doubleday, 1987), e James M. Robinson (ed.), The Nag Hammadi Library in English (Harper & Row, 1978; 4ª ed. E. J. Brill, 1996). Edição crítica de A Hipóstase dos Arcontes: Bentley Layton, "The Hypostasis of the Archons", Harvard Theological Review 67 (1974): 351–425, e 69 (1976): 31–101.*

O gnosticismo setiano — do qual esses textos fazem parte — não é judaísmo rabínico nem cristianismo ortodoxo: reinterpreta radicalmente Gênesis, atribuindo a criação do mundo material a uma divindade inferior e ignorante, e foi rejeitado como heresia por autoridades tanto judaicas quanto cristãs. O episódio trata essa tradição exatamente pelo que é — um testemunho histórico-literário tardo-antigo, não uma revelação a ser adotada.

O estudioso Birger A. Pearson observa que as raízes mais remotas da figura de Noreia remontam à lenda judaica de Naamá (Gênesis 4:22), e que o nome "Noba", atribuído a uma filha de Adão e Eva nas Crônicas de Jerameel (seção VII deste dossiê), é provavelmente uma corrupção de transmissão textual do próprio nome Noreia. A pesquisadora Ross Kraemer, por sua vez, compara Noreia à Asenete do romance judaico-helenístico José e Asenete.

> *Birger A. Pearson, "The Figure of Norea in Gnostic Literature", em Gnosticism, Judaism, and Egyptian Christianity (Fortress Press, 1990); Ross S. Kraemer, "A Response to 'Virginity and Subversion'", em Images of the Feminine in Gnosticism, org. Karen L. King (Trinity Press International, 1988).*

VI

Epifânio de Salamina e a Recepção Patrística

Epifânio, bispo de Salamina no Chipre entre 367 e 403 d.C., dedica uma seção de seu extenso tratado heresiológico Panárion (“Caixa de Remédios [contra heresias]”, concluído por volta de 375–377 d.C.) à refutação de grupos gnósticos que veneravam uma figura chamada Noria, atribuindo-lhes um “Livro de Noria” hoje perdido. É através precisamente desse tratado hostil, cuja finalidade original era erradicar a memória desses grupos, que parte do que se sabe hoje sobre a veneração pré-Nag-Hammadi de Noreia chegou até a erudição moderna — um padrão bem documentado na história da heresiologia patrística.

> *Tradução de referência: Frank Williams, The Panarion of Epiphanius of Salamis, 2 vols., Nag Hammadi and Manichaean Studies 35–36 (E. J. Brill, 1987/1994), Livro I, seção 26 (contra os “gnósticos”/borboritas), 26.1.3–9.*

Este dossiê cita o Panárion apenas como evidência histórica da circulação e da rejeição institucional da tradição de Noreia entre os séculos III e IV, e não como endosso de qualquer conteúdo teológico gnóstico.

VII

As Crônicas de Jerameel e a Tradição Judaica Medieval

As Crônicas de Jerameel (Chronicles of Jerahmeel) são um compêndio hebraico medieval, provavelmente reunido entre os séculos XII e XIV, que preserva lado a lado material bíblico, apócrifo e lendário de proveniências muito diversas, incluindo traduções hebraicas de partes perdidas de obras do período do Segundo Templo. É nesse compêndio que aparece o nome Noba, atribuído a uma filha de Adão e Eva — nome que, como observado na Seção V, a erudição moderna associa a uma corrupção transmissional do nome gnóstico Noreia, sugerindo um ciclo de transmissão, perda e retorno que atravessa quase mil e duzentos anos de história textual entre o Egito gnóstico do século III e a Europa judaica medieval.

Tradução de referência: Moses Gaster, The Chronicles of Jerahmeel (Royal Asiatic Society, 1899; domínio público) — tradução integral do hebraico com aparato introdutório sobre as fontes compiladas.

VIII

O Zohar e a Tradição Cabalística

O Zohar (“Livro do Esplendor”) é a obra central da Cabalá, composta majoritariamente na Espanha do século XIII — a erudição moderna atribui sua redação principal a Moisés de Leão (c. 1240–1305) —, ainda que o próprio texto se apresente como registro de ensinamentos transmitidos por Rabi Shimon bar Iochai, figura do século II d.C. O episódio recorre ao Zohar para a leitura mística do nome de Eva (Chavá, “mãe de todos os viventes”, conforme a própria etimologia dada em Gênesis 3:20) como designação de um princípio cósmico de continuidade, associado pela tradição cabalística à sefirá de Malchut e à Shechiná, a presença divina habitante no mundo.

> *Edição crítica de referência: The Zohar: Pritzker Edition, trad. e comentário Daniel C. Matt, 12 vols. (Stanford University Press, 2004–2017) — a tradução acadêmica anotada de referência em língua inglesa, com aparato crítico completo sobre a datação e autoria do texto.*

O uso do Zohar neste episódio é deliberadamente restrito a temas gerais e amplamente documentados da tradição cabalística — o feminino como princípio de continuidade histórica — sem atribuição de passagens específicas não verificáveis, em respeito ao rigor de fontes que orienta todo este dossiê.

IX

Nota Metodológica — Como as Camadas Foram Distinguidas

Este episódio e este dossiê seguem um princípio editorial constante: cada afirmação é atribuída à camada de tradição de onde efetivamente provém, e nenhuma tradição extrabíblica é apresentada como equivalente à Escritura canônica. Em ordem de autoridade decrescente para o judaísmo e o cristianismo histórico: (1) o texto canônico hebraico e o Novo Testamento; (2) textos apócrifos e pseudepigráficos do período do Segundo Templo, como o Livro dos Jubileus, canônicos apenas para a Igreja Ortodoxa Etíope; (3) a tradição rabínica e talmúdica, autoritativa para o judaísmo mas de natureza interpretativa, não profética; (4) tradições cristãs orientais e islâmicas posteriores, como a Caverna dos Tesouros e o folclore exegético; (5) literatura gnóstica, historicamente rejeitada como heresia por ambas as tradições-mãe; (6) a Cabalá medieval, mística e simbólica por natureza.

Nenhuma das reconstruções apresentadas — os nomes Avã, Azurá, Lebuda, Iqlima, Calmana, Noreia ou Noba, ou a hipótese de que a irmã de Caim tenha nascido um instante antes dele — constitui afirmação do texto bíblico canônico. São, todas elas, tentativas históricas e documentadas de preencher um silêncio que a própria gramática hebraica de Gênesis 4:1–2 deixou genuinamente aberto — um silêncio que este episódio explora com reverência pela tradição e rigor quanto à origem de cada camada que a compõe.

Este documento é disponibilizado gratuitamente como material de referência e transparência de fontes para os espectadores do canal Mistérios da Bíblia.

MISTÉRIOS DA BÍBLIA
Dossiê bibliográfico de acompanhamento — uso livre e gratuito para fins de estudo e referência.